

A história das doenças nas aulas de História: uma abordagem possível

The History of Diseases in History Classes: A Possible Approach

Thayane Lopes Oliveira*

RESUMO

Este texto aborda a História das doenças a partir dos seus usos e possibilidades para as aulas de História. A partir do entendimento sobre as doenças como objetos de investigação histórica, busca-se colocá-las como importantes elementos para a compreensão da trama social e contextos mais amplos. Assim, apresenta-se a pandemia de gripe espanhola de 1918 como uma das muitas possibilidades de discussão na sala de aula a partir de conteúdos clássicos: Primeira Guerra Mundial e Primeira República no Brasil. A inserção da discussão sobre as doenças – epidêmicas ou pandêmicas – contribui para uma visão mais complexa dos processos socio-históricos e permite ao estudante desenvolver sua capacidade de análise e crítica.

Palavras-chave: História das doenças; ensino de História; gripe espanhola.

ABSTRACT

This text addresses the History of diseases from their uses and possibilities for History classes. Based on the understanding of diseases as objects of historical investigation, we seek to place them as important elements for the understanding of the social fabric and wider contexts. Thus, the 1918 Spanish flu pandemic is presented as one of the many possibilities for discussion in the classroom based on classic contents: First World War and First Republic in Brazil. The insertion of the discussion about diseases - epidemic or pandemic - contributes to a more complex view of socio-historical processes and allows the student to develop his capacity for analysis and criticism.

Keywords: History of diseases; History teaching; Spanish flu.

Quando em dezembro de 2019 a China reportou o primeiro caso de Covid-19 (doença causada pelo vírus Sars-CoV-2), não imaginávamos iniciar, naquele momento, a escalada para uma pandemia que abrangeria o mundo com a exceção de poucos países. Dois meses depois, a doença deixava de ser apenas uma preocupação estrangeira – dos *outros* – noticiada pelos jornais, e passava a

* Casa de Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. oliveira.thaylo@gmail.com

ser nossa, a Covid-19 chegou ao Brasil. Assim como em outros lugares, as medidas sanitárias implicaram mudanças nas rotinas individuais e coletivas. Uso de máscaras e álcool em gel, higiene constante das mãos, evitar contato próximo com outras pessoas, isolamento social, trabalho remoto para alguns grupos etc. Por outro lado, passamos a acompanhar diariamente o crescimento dos números de casos e o esforço em escala internacional para conter o avanço da doença.

No cenário em que uma doença infecciosa desafiou a ciência estabelecida e sua capacidade de resposta; os Estados e a gestão das crises sanitárias, a saúde pública e sua estrutura, a economia mundial e a habilidade em conter as perdas e a recessão, a História também foi convidada a se *mexer*. Muitos historiadores e historiadoras foram convidados a pensar a pandemia de coronavírus a partir de experiências do passado, relacionando o atual momento com epidemias e pandemias vividas em outros tempos e sociedades. Muitas vezes, invocou-se a imagem de que a História tinha lições a dar, como se repetir os feitos de antes pudesse resolver as questões do presente. Aqui, como historiadora, recuso a perspectiva de que a História fornece lições para a humanidade. Apesar de ser possível traçar paralelos, comparar situações, aproximar os eventos, as epidemias serão sempre acontecimentos únicos porque são localizados no tempo e espaço e isto determina a forma como a sociedade recebe, reflete e responde às doenças. No entanto, o evento pandêmico propiciou a revisita a muitos momentos em que as sociedades foram abaladas por grandes epidemias e a perspectiva da História das doenças evidenciou as possibilidades de análise.

A pandemia de gripe espanhola (1918-1919) foi, talvez, a temática mais buscada na tentativa de perceber as proximidades e distanciamentos entre passado e presente. Tomando-a como possibilidade analítica, neste artigo busco discutir como os estudos do campo da História das doenças podem trazer novos horizontes para as discussões feitas nas aulas de História, partindo da constatação de que as doenças são fenômenos sociais e, portanto, passíveis de análises da História. Neste texto, busco aproximar o campo de pesquisa no qual desenvolvo meus estudos – História das ciências e da saúde – e a prática profissional enquanto professora do ensino médio. Não se trata, no entanto, de um relato de experiência. Mas da possibilidade esboçada por questões do tempo presente e que podem, nesse sentido, trazer novas perspectivas para o ensino de História.

O ENSINO DE HISTÓRIA E SUAS POSSIBILIDADES

Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago.

Paulo Freire, 1996.

A rápida referência a Paulo Freire tem como objetivo estabelecer um ponto central para a escrita deste texto: pesquisador e professor caminham juntos na prática profissional. Enquanto pesquisadora e professora, não acredito na possibilidade de entrar em sala e *apenas* reproduzir o conteúdo feito e acabado do livro didático. As aulas exigem pesquisa e curiosidade do professor em ser mais que o transmissor de um conteúdo feito pelo *outro*, feito pelo historiador acadêmico, que está longe da sala de aula. Tal separação aconteceu, de acordo com Maria Auxiliadora Schmidt, devido ao “processo de especialização da história como ciência, que coloca em espaços diferentes aqueles que pesquisam – historiadores profissionais – e aqueles que ensinam, os *outros*” (SCHMIDT, 2014, p. 31). Este artigo parte do pressuposto de que ensino exige pesquisa, pois é com a intenção de aproximar o campo de pesquisa da História das doenças com o ensino de História que busco apontar para as possibilidades dessa abordagem partindo de uma situação colocada pelo tempo presente – a pandemia de Covid-19 – e como podemos trabalhar com esses eventos em sala de aula no intuito de fornecer aos estudantes ferramentas analíticas da realidade vivenciada, ou seja, pensar historicamente com os olhos no presente.

Tal ideia aproxima-se da formação de uma consciência histórica, tal como definida por Rüsen:

A consciência histórica não pode ser meramente equacionada como simples conhecimento do passado. A consciência histórica dá estrutura ao conhecimento histórico como um meio de entender o tempo presente e antecipar o futuro. (RÜSEN, 2006, p. 14)

Por esse viés, aprender sobre a História das doenças, epidemias e pandemias do passado não tem o fim em si mesmo. Essa aprendizagem significa uma operação cognitiva possível através do pensamento histórico importante para

a cultura humana. Eis, mais uma vez, a questão sempre pertinente “por que aprender História?”.

De maneira geral, podemos afirmar, talvez, que os estudantes que estão hoje no ensino médio e/ou fundamental nunca vivenciaram uma epidemia. Não passaram por nenhuma situação em que uma doença de carácter infeccioso tenha modificado tão significativamente e rapidamente a sociedade. Quando a pandemia de Covid-19 se instalou, trouxe consigo o sentimento de estranhamento e questões em torno do significado do que é viver uma pandemia, que influência ela exerce nos hábitos sociais e culturais, como interfere nas relações pessoais, entre outras coisas. A abordagem da História das doenças não significa responder a todas essas questões, mas viabilizar aos estudantes meios para a compreensão da realidade a partir do pensamento histórico de que tais situações foram vivenciadas em diversos momentos da humanidade, como em outros tempos a ciência foi mobilizada em busca de solução, como as pessoas vivenciaram a doença ou as perdas, como criou-se estruturas sanitárias para atender aos doentes, e demais aspectos.

AS DOENÇAS PERTENCEM À HISTÓRIA

Desde a virada epistemológica da década de 1970, que questionou paradigmas historiográficos tradicionais e promoveu uma concepção de História mais plural e globalizadora, todas as atividades humanas puderam, a partir daí, ser observadas pelo olhar do historiador. Ao pautar uma *nova história*, com novos objetos, novos problemas e novas abordagens, as doenças, assim como outras temáticas, passaram a figurar cada vez mais como objeto de estudo dos historiadores. A inserção de novos tipos de fontes para além dos documentos e das fontes oficiais permitiu que os objetos fossem analisados por novos ângulos e abordagens. Para contemplar as várias facetas da vida social, fez-se necessário aceitar que as evidências da existência humana e de suas práticas podem ser encontradas em depoimentos orais, em imagens, mídias e objetos. Um dos principais formuladores dessa virada historiográfica, Jacques Le Goff, inscreveu as doenças no campo da História porque elas são, antes de tudo, mortais (LE GOFF, 1985, p. 8). Em oposição a uma História tradicional escrita por médicos que contavam seus triunfos e glórias da profissão e da medicina, a historiografia das doenças se desenvolveu na tentativa de refletir crítica-

mente sobre as artes e práticas de cura; a crescente profissionalização e institucionalização da medicina; a experiência de adoecer; as representações das doenças e dos doentes, entre tantas outras possibilidades analíticas a partir da compreensão de que as doenças são processos sociais e não podem ser explicados fora do contexto político, econômico, social e científico no qual acontecem. Assim alcançamos o conceito de *framing* proposto por Charles Rosenberg ao considerar que as doenças são *enquadradas* ou *emolduradas* pela estrutura social (ROSENBERG, 1992).

Ao tomar as enfermidades como problemas históricos, podemos encará-las a partir de três rupturas causadas na rotina social. Em primeiro lugar: a ruptura individual. Pois os sujeitos doentes perdem autonomia e liberdade sobre seus corpos; o indivíduo doente demanda cuidado, interrompe ou modifica planos. A segunda ruptura acontece no plano do conhecimento científico. É preciso objetivar a doença e construir um conhecimento sobre seu surgimento e tratamento. Quando se trata de uma moléstia nova e desconhecida da medicina, outras questões se colocam, tais como onde e quando surgiu; como se espalhou pelas regiões; qual sua circulação entre humanos e animais; quais condições naturais ou artificiais permitiram sua reprodução etc. Todas problemáticas que sugerem esforços no campo do saber para elaborar respostas e soluções. Por fim, a ruptura no campo sociocultural, pois as doenças interferem nas formas de viver dos indivíduos e do coletivo (VALDERRAMA, 2014). Nesse sentido, as doenças são elementos que desorganizam e reorganizam a vida social (REVEL & PETER, 1995, p. 144). Isso porque elas e, principalmente, suas manifestações coletivas são situações que expõem traços e tensões da organização administrativa e econômica, das práticas culturais e religiosas, das relações pessoais e coletivas. Evidenciam as desigualdades e tornam os sujeitos ainda mais vulneráveis. Por esses motivos, são fenômenos sociais complexos e atraentes para o olhar do historiador preocupado em pensar como a sociedade se reinventa quando crises sanitárias se instalam.

Na introdução do livro *Homo Deus: uma breve história do amanhã*, Yuval Harari expressa que três preocupações sempre estiveram presentes na história da humanidade: a fome, as pestes e as guerras. Para o autor, no entanto, no terceiro milênio a humanidade chegou à feliz constatação de que já é possível controlar a fome, as pestes e as guerras (HARARI, 2016, p. 11). É possível acreditar que temos a capacidade de prever e controlar o aparecimento das

doenças? De novos vírus e agentes patogênicos? A pandemia da Covid-19 colocou essas certezas em xeque.

No momento em que vivenciamos a maior emergência sanitária do século XXI, tornou-se incontornável discutir a presença das doenças e de suas aparições em larga escala na sociedade como mecanismo de análise e compreensão do tempo presente. Epidemia é um termo muitas vezes utilizado de forma metafórica para dizer que algo existe em exagero. No seu sentido tradicional, que se refere às epidemias de cólera, tifo, febre amarela e outras, Charles Rosenberg (1992b) caracteriza os eventos epidêmicos como aqueles que espalham dor e morte de maneira súbita e generalizada. É, ainda no sentido atribuído pelo autor, um fenômeno que acontece de forma episódica em um recorte de tempo e espaço. Surge do nada e depois desaparece (ROSENBERG, 1992b, p. 2). As epidemias não são, no sentido do autor, eventos previsíveis ou crescentes na observação. Elas carregam em si o significado de provisório. Fato que não lhes tira a qualidade de objeto para a análise histórica, pois

para o cientista social, as epidemias constituem um dispositivo de amostragem extraordinariamente útil - ao mesmo tempo objetos encontrados e experimentos naturais capazes de iluminar padrões fundamentais de valor social e prática institucional. (ROSENBERG, 1992b, p. 2, tradução nossa)

Hoje principalmente devido ao grande número de pesquisas desenvolvidas no campo da ciência ambiental a previsão do aparecimento de doenças, epidêmicas ou não, acende o sinal de alerta constante na sociedade e no seu modo de viver e relacionar-se com a natureza. Mesmo com tais sinais, epidemias ou pandemias como a da Covid-19 são sempre “inesperadas”, pois ocorrem em sociedades que se consideram estáveis e evoluídas. As doenças em suas facetas epidêmicas e/ou pandêmicas são profícuas em possibilidades de análises porque atravessam de modo inesperado todas as esferas da vida individual e coletiva, provocando mudanças no curso da história. Elas são, nesse sentido, pequenas amostragens de aspectos importantes da organização social. Diante dos diversos modos que afetam a humanidade, são também diversas as formas que as sociedades elaboram respostas para as enfermidades e as crises que se originam.

É por todos esses motivos que as doenças, epidêmicas ou não, constituem-se como vasto campo de pesquisa para os historiadores. E devem, também

por esses motivos, estar presentes no processo de ensino-aprendizagem em que se busca criar uma consciência histórica nos sujeitos sociais a fim de auxiliar na compreensão do mundo social.

ENSINO DE HISTÓRIA: UM OLHAR ATRAVÉS DA HISTÓRIA DAS DOENÇAS

Quando iniciei a escrita deste texto, busquei encontrar maneiras pelas quais seria possível discutir o papel das doenças no percurso da história, em como elas se configuram como elementos de mudanças – ou não – nas estruturas sociais. Nessa busca, concluí que é possível inserir essa temática de duas formas: através dos temas transversais e dos próprios conteúdos indicados pelos livros didáticos. É sobre essas possibilidades que me debruço a seguir.

Dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)¹ o tema *saúde* faz parte dos temas transversais, ou seja, são aqueles que não constituem disciplinas, mas que podem ser incorporados nas áreas do conhecimento já existentes com o intuito de colaborar na construção da prática educacional voltada para a formação cidadã e integral no ensino fundamental e médio. Nesse sentido, a *saúde* enquanto tema transversal tem como objetivo a aprendizagem que vise a transformação dos hábitos de vida buscando a promoção da saúde e a prevenção de doenças (BRASIL, 1998). A partir desse entendimento, a abordagem sobre saúde seria feita pela educação para práticas saudáveis dentro e fora do ambiente escolar, promovendo a conscientização sobre hábitos de higiene, conservação e preservação da saúde e prevenção de doenças. Assim, posso considerar que os parâmetros instituem aquilo que é interpretado como educação em saúde (SCHALL, 1999). Não obstante, o texto dos PCNs enfatiza que o “fenômeno saúde/doença emerge das próprias formas de organização da sociedade” (BRASIL, 1998, p. 250), e que entre seus condicionantes estão questões biológicas, ambientais e socioeconômicas. Apesar do texto dos parâmetros curriculares não indicarem a História da saúde e das doenças, posso considerar o tema transversal *saúde* – nas aulas de História – como uma oportunidade para discutir a maneira pela qual as sociedades constroem seus modelos e conceitos de saúde, como organizam hábitos que são considerados saudáveis ou não, como – a partir de surtos epidêmicos – inseriram na rotina social hábitos e rituais sanitários com o intuito de prevenir a transmissão de doenças e o adoecimento. Dessa forma, os conceitos de saúde e doença seriam locali-

zados espacial e temporalmente, demonstrando que esses também sofreram modificações ao longo da história e têm profundas ligações com os sistemas políticos, com as ideologias médico-sanitárias vigentes, com as crenças e valores morais dos grupos sociais. Sendo possível demonstrar, dessa forma, que as concepções de saúde e doença não são fixas e, portanto, são históricas.

Os temas *saúde e doenças* são contemplados também nos PCNs relativos à disciplina de História do ensino fundamental para os 2º, 3º e 4º ciclos (do 3º ao 9º ano). Nesses, as temáticas aparecem relacionadas a diversos conteúdos, tais como: movimentos e lutas sociais em prol do direito à saúde; aspectos da cidadania em diferentes sociedades e épocas no que concerne “à saúde, higiene, concepções sobre morte e vida, às doenças endêmicas e epidêmicas” (BRASIL, 1998b), entre outros exemplos. Na Base Nacional Curricular Comum (BNCC),² saúde e doença são abordadas nas habilidades e competências cobradas de acordo com as unidades temáticas que contemplam cada etapa do aprendizado. Porém, percebo que essas temáticas estão inseridas no documento prioritariamente nas áreas de ciências e/ou educação física, não estando propriamente vinculadas ao conhecimento histórico. O que não é impedimento para o trabalho na sala de aula, visto que a partir dos PCNs esses temas podem ser contemplados pela perspectiva da transversalidade ou mesmo dentro da grade de conteúdos obrigatórios da disciplina.

O intuito deste artigo é apresentar como a disponibilidade dos estudos acadêmicos sobre os processos de saúde e doença podem ser apropriados pelo ensino de História nos currículos escolares. Dessa forma, se a produção acadêmica e o ensino escolar estão em constante mudança, neles também insiro as perguntas *quais e como* trabalhamos os conteúdos escolares, porque a inserção de novos temas amplia a percepção que temos sobre os eventos históricos (PINSKY, 2010). O fazer histórico está, nesse sentido, suscetível a constantes mudanças em dois aspectos: no próprio objeto de trabalho “*a história*” e pelo modelo pedagógico, ou seja, aquilo que se refere ao ato de ensinar (KARNAL, 2010, p. 8). No que compreendo como mudanças *da e na* História, temos a inserção dos novos objetos de estudo, das novas fontes e metodologias. Assim, a introdução das temáticas da História das doenças como importante reflexão no âmbito do ensino de História.

TRAZENDO A GRIPE ESPANHOLA DE 1918 PARA AS AULAS DE HISTÓRIA

[...] o ensino de história deve contribuir para libertar o indivíduo do tempo presente e da imobilidade diante dos acontecimentos. (BITTENCOURT, 2004, p. 20)

Vivenciando o contexto da pandemia de coronavírus, enquanto historiadores e professores, nos questionamos sobre o método de ensino durante a quarentena. Mas também surge o debate sobre *o que* elegemos como problemática nas aulas e *como*, nesse momento, a disciplina pode contribuir para o entendimento dos acontecimentos atuais. É perceptível que os estudos históricos sobre as epidemias anteriores ganharam visibilidade diante da possibilidade de traçar paralelos entre passado e presente. Diante dessas inquietações, neste espaço busco colaborar para à apropriação da História das doenças no ensino de História escolar e, como apontado por Circe Bittencourt, sair da inércia e potencializar a análise do presente à luz do passado. Dizendo isso, sempre chamo atenção para a singularidade de cada evento e para o fato de que, mesmo diante de similitudes, eles não se repetem tal qual.

Sem dúvidas, a pandemia mais revisitada pelos historiadores no atual contexto foi a gripe espanhola de 1918. Talvez pela proximidade temporal, afinal são apenas 102 anos que nos separam daquela experiência ainda presente na memória coletiva dos mais velhos. Outros motivos pertinentes são: a rapidez pela qual ela se espalhou por várias regiões do mundo e a morbimortalidade que alcançou em poucos meses de existência, além das controvérsias médico-sanitárias que ocasionou devido a seu caráter desconhecido e inesperado. Diante dessas constatações, qual o espaço da gripe espanhola no conteúdo de História na sala de aula? Ao analisar livros didáticos do ensino fundamental e médio utilizados nas escolas públicas do Ceará e que fazem parte do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), percebo que a temática não foi abordada dentro de conteúdos que permitiriam a sua presença: Primeira Guerra Mundial e Primeira República no Brasil, por exemplo. Minha intenção não é tecer comentários sobre livros específicos (e por isso citar as coleções e autores aqui não se faz necessário), mas demonstrar que mesmo considerando a grande proporção de adoecidos e mortos pelo flagelo, este não é um assunto

comumente estudado por meio dos livros didáticos. Quantos de nós soubemos da gripe espanhola durante o ensino fundamental e médio? Também não é objetivo deste artigo considerar que o ensino de História volte-se totalmente ao estudo das doenças que acometeram as populações, mas que, para determinados contextos e épocas, elas são elementos importantes para a compreensão do complexo sistema social e que pode se apresentar como mais um elemento de interesse para os estudantes.

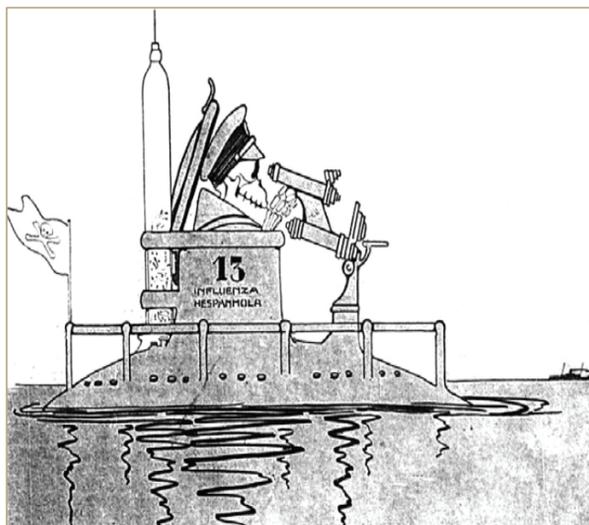
Assim, quais são as possibilidades de abordagem da gripe espanhola nas aulas de História? Aqui vou apresentar duas maneiras viáveis: por meio dos conteúdos Primeira Guerra Mundial e Primeira República no Brasil. A escolha desses conteúdos se dá pelo recorte temporal que incorpora o evento epidêmico, assim como a relação estabelecida entre a guerra e o alastramento da doença, apontando também para o processo de modernização brasileira no início do período republicano, destacando a capital federal, Rio de Janeiro, e a ocorrência de uma epidemia que mexe com o cenário urbano.

UMA PANDEMIA DENTRO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Apesar das controvérsias sobre sua origem, os primeiros registros da gripe ainda não identificada e denominada como espanhola ocorreram em março de 1918, nos Estados Unidos, em fábricas e bases militares (SOUZA, 2008). A sua aparição coincide com o cenário marcado pela Primeira Guerra Mundial, iniciada em 1914, e que teria seu término em novembro de 1918. A movimentação dos soldados foi também um dos aspectos que colaborou para a difusão da doença para outras regiões, principalmente na Europa, onde a guerra acontecia. O retorno dos soldados significou o desembarque do vírus nos portos brasileiros, nas cidades do Rio de Janeiro, Salvador e Recife, de onde partiria para outros estados. A gripe alcançou o *status* de pandemia ao se instalar em vários continentes e pelo rápido crescimento entre a população. Mesmo com as inconsistências de notificação e registros oficiais, os dados apontam para o fato de que aproximadamente 600 milhões de pessoas foram contaminadas e 20 milhões foram mortas (BRITO, 1997). Um mundo já marcado pelas crises oriundas da guerra teve que conviver também com um surto infeccioso de grande proporção. É comum dizer que, nas trincheiras, soldados padeciam por diversas doenças e que estas foram, em muitos momentos, de-

cisivas para o desfecho dos conflitos. Por que, então, a pandemia de 1918 não ganha espaço no conhecimento transmitido acerca da Primeira Guerra? Se as tropas de vários países, assim como civis, vivenciaram a doença em meio a ataques bélicos e desabastecimento de comida. É possível dessa forma inserir a temática da epidemia de 1918 no conteúdo como elemento para compreender o contexto vivido pela sociedade. Tal relação está presente, inclusive, nas charges que os jornais do período publicaram a respeito da doença.

Figura 1 - Bacilomarino – mais um aliado para os impérios centrais.



Fonte: *A Careta*, n. 537, 05.10.1918, p. 13. GOULART, A. da C. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro, 2005.

A charge acima representa uma boa forma de trazer a presença da gripe espanhola no período do conflito. Ela expõe como, no contexto de guerra, a doença foi representada como uma arma contra o inimigo. A partir disso, uma breve explanação sobre o porquê do termo *espanhola* como denominação da doença e como este termo não tem relação com a origem espacial da doença, a forma como ela se espalha pelo mundo e chega ao Brasil por meio dos soldados que retornaram do conflito.

Nota-se, por meio desse exemplo, que não se trata de voltar todo o conteúdo das aulas para a existência das doenças, mas trazê-las para compor a trama social.

GRIFE ESPANHOLA E PRIMEIRA REPÚBLICA: A PANDEMIA NA CAPITAL FEDERAL

No início do surto, o Brasil assistiu ao crescimento da pandemia por meio das notícias internacionais veiculadas pelos jornais e sentiu-se protegido devido à distância do continente europeu. Mas a gripe chegou. A sociedade brasileira vivenciava ainda os primeiros anos do advento republicano, a Primeira República, momento de mudanças políticas, econômicas e sociais. Dentre as transformações do período, tem-se o processo de modernização e urbanização das grandes cidades brasileiras, entre elas a capital federal, Rio de Janeiro. Um fato marcante na história desse período são as reformas implementadas pelo prefeito Pereira Passos que, além de buscar transformar estruturalmente a cidade, com a abertura de largas avenidas no centro e demolição de moradias populares como os cortiços, também implementou medidas de viés higienista ao pretender erradicar e controlar as diversas doenças que grassavam na capital naquele período, tais como peste bubônica, varíola e febre amarela. Esses são acontecimentos presentes nos livros didáticos no conteúdo de Primeira República (1889 a 1930), tendo como destaque as reformas urbanas e a revolta da vacina. A pandemia de 1918 não é abordada nesse recorte, apesar de ter grande repercussão na organização do mundo urbano que se modificava desde o início do século XX. A influenza surpreendeu a sociedade carioca que desde o surto de varíola de 1908 vivia momentos de relativa tranquilidade sanitária (BRITO, 1997, p. 27). O surto de gripe espanhola surge como inesperado e desarticula todo um conhecimento médico-sanitário que se pretendia estável, além de implicar em profundas mudanças no cotidiano social. Para além do impacto demográfico que causou (e vimos que os números foram altos), a pandemia também alterou a paisagem da cidade e os hábitos sociais.

Nos primeiros dias, autoridades políticas e sanitárias negaram a existência de uma pandemia ou mesmo minimizaram os riscos que a influenza representava. Não havia consenso, falava-se em surto benigno e que não alcançaria grandes proporções devido ao clima tropical não propício à disseminação do vírus. Quando as primeiras mortes aconteceram e os números de acometidos subiram, essas ideias foram pouco a pouco modificadas. O impacto na vida cotidiana deu-se por vários caminhos: a mudança na paisagem da cidade antes movimentada e barulhenta que cede lugar ao silêncio moribundo. A morte estampada nas ruas por meio dos corpos que se aglomeravam pelas vias devido à insuficiência de caixões e vagas nos cemitérios. Os óbitos que aconteciam às dezenas não ti-

veram direito ao ritual fúnebre, como descrito nas crônicas de Nelson Rodrigues a partir de suas memórias da gripe para o jornal *Correio da Manhã*:

Ora, a gripe foi, justamente, a morte sem velório. Morria-se em massa. E foi de repente. De um dia para o outro, todo mundo começou a morrer. Os primeiros ainda foram chorados, velados e floridos. Mas quando a cidade sentiu que era mesmo a peste, ninguém chorou mais nem velou, nem floriu. O velório seria um luxo insuportável para os outros defuntos. (RODRIGUES, 1967, p. 1)

Aqueles que não morriam tinham medo dos corpos espalhados e da transmissão da doença pelo ar. Fugiam para localidades menos afetadas. A imagem descrita pelo escritor Nelson Rodrigues é facilmente comparada ao cenário vivido em 2020. Nos jornais, revistas e redes sociais, veiculou-se amplamente as chocantes imagens de cemitérios lotados e corpos amontoados à espera de espaço. São traços em comum entre dois momentos distintos que se inscrevem na história do país.

Figura 2 - Abertura de covas no cemitério Vila Formosa, Zona Leste de São Paulo, para vítimas da Covid-19.



Fonte: *O Globo*, 28.04.2020.

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/paulistanos-nao-poderao-escolher-cemiterio-onde-enterrar-parentes-com-agravamento-da-crise-24398334>.

Acesso em: 11 set. 2020.

Apesar de transmitir a ideia de ser “democrática”, por afetar crianças, jovens e adultos de todas as classes sociais e raças, é sabido, assim como hoje na pandemia de coronavírus, que as doenças, e principalmente as epidemias, têm uma face mais cruel para as populações economicamente vulneráveis. Nos subúrbios, onde as ações sanitárias pouco chegavam, a população sofria ainda mais com a ausência de socorro do Estado. Faltava médicos e remédios; construir novos cemitérios tornou-se a política contra a influenza.

Os jornais são fontes valiosas para a análise da gripe espanhola, pois foi por meio desses noticiários que as informações sobre doentes e mortos se tornaram mais conhecidas, as controvérsias médicas em torno da doença estiveram presentes nas páginas que ora pediam calma e ora alardeavam a população. Também foi neles que vários remédios “milagrosos” e diversas receitas foram oferecidos como cura para a gripe. Esses também podem ser materiais interessantes para a utilização em sala de aula, como proposta de leitura e análise de fontes históricas.

Figura 3 - O Rio é um vasto hospital!



Fonte: *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 15.10.1918. Ano XLIII, p. 1.

O jornal acima é um exemplo de fonte para ser trabalhada na sala de aula pela riqueza de detalhes que oferece. Toda a página traz informações sobre a presença da gripe na capital federal. Os tópicos em negrito trazem os aspectos nos quais a doença estaria afetando a vida da população e o funcionamento da cidade, tais como: nas casas de modas e livrarias; no centro da cidade; a vida nos subúrbios; a exploração das farmácias; no exército; o fechamento das escolas; na Biblioteca Nacional; no Hospital da Beneficência Portuguesa; no Hospital Central do Exército, entre tantos outros faros destacados que não ficaram imunes à presença da influenza. Fica evidente que não se faz necessária uma exploração exaustiva de cada uma das informações. É possível escolher uma das questões para aprofundar a discussão ou mesmo abordar de forma geral que em uma situação de epidemia/pandemia a rotina dos indivíduos e das instituições sociais são afetadas e se reorganizam durante a crise. Nota-se também a presença de imagens que constituem um recurso a mais para a exploração do conteúdo na aula.

Por meio dessa exploração, aponto para o fato de que trabalhar com a História das doenças nos conteúdos em sala de aula é possível e enriquecedor. Não só a gripe espanhola, mas outras enfermidades podem ser contextualizadas. Outros exemplos possíveis seriam: as várias epidemias de febre amarela que durante a primeira metade do século XX representaram um grande desafio à ciência brasileira, mobilizando cientistas e sanitaristas para o seu controle e combate ao *Aedes aegypti*; a epidemia de meningite durante o regime da ditadura militar, que buscou minimizar o perigo da doença para não desestabilizar o governo, assim como a epidemia de aids, que surge em um mundo ainda marcado pela Guerra Fria. Se a humanidade sempre esteve marcada pelas *pestes*, como destacado por Harari, é possível encontrá-las em vários dos momentos que trabalhamos nas aulas de História. Se nem todas elas podem ser incorporadas, podemos então fazer seleções de forma a não deixar que estejam totalmente ausentes da discussão.

CONCLUSÃO

No início do artigo, ressaltéi que um dos objetivos seria possibilitar a relação entre a pesquisa no campo da História das doenças e a prática profissional na sala de aula, por entender que enquanto professores somos também

pesquisadores e essas duas formas de conhecimento não se separam e nem estão hierarquizadas. Outro fato importante é a utilização da consciência histórica para a análise dos acontecimentos recentes. A aprendizagem histórica como um elemento que fornece aos estudantes a capacidade de se situar criticamente nos fenômenos do tempo presente.

Nesse sentido, a abordagem da história das doenças no ensino de História busca incorporar novos elementos para a aprendizagem histórica visto que as enfermidades, ao longo da história, foram importantes impulsionadoras de transformações no campo médico-científico e sanitário. Práticas e políticas foram implantadas e modificadas a fim de controlar doenças e surtos epidêmicos, ações essas que sobrevivem na memória ou no cotidiano da sociedade. Este artigo teve como objetivo trabalhar uma possibilidade, entre tantas outras formas de abordar a História das doenças na sala de aula por meio dos conteúdos obrigatórios da disciplina. Com isso, compreendemos que é possível trazer aspectos do passado para analisar e compreender fenômenos do presente, como a pandemia da Covid-19 e as várias facetas de sua presença na vida cotidiana, individual e coletiva.

A pandemia de coronavírus, inesperada para alguns e previsível para outros, suscitou o debate sobre como ao longo da história as mais diversas sociedades vivenciaram e responderam aos surtos epidêmicos. Com isso, historiadores e pesquisadores de outras áreas voltaram seu olhar às epidemias do passado em busca de aparato analítico para o tempo presente. As epidemias não se repetem de maneira igual, mas a historiografia das doenças nos dá uma visão geral sobre os eventos anteriores e os modos como a sociedade se reorganiza a partir de uma doença.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe (org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 11 ago. 2020.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: história / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998b. 108 p.

- Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_5a8_historia.pdf. Acesso em: 12 set. 2020.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>. Acesso em: 12 set. 2020.
- BRITO, N. A. de. La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, RJ. IV (1):11-30 mar.-jun. 1997.
- GOULART, A. da C. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, RJ. v. 12, n.1, p. 101-142, jan.-abr., 2005.
- HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. Tradução Paulo Geiger. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- LE GOFF, Jacques. *As doenças têm história*. Lisboa: Terramar, 1985.
- PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Novos temas nas aulas de história*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- REVEL, Jacques., PETER, Jean-Pierre. O corpo: o homem doente e sua história. In: LE GOFF, J.; NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- ROSENBERG, Charles. Disease in History: Frames and framers. *The Milbank Quarterly*, v. 67, suppl 1, 1989, pp. 1-15.
- ROSENBERG, Charles. Explaining epidemics and other studies in the History of Medicine. Cambridge: Cambridge University Press. 1992b.
- RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. *Práxis Educativa*. Ponta Grossa, PR. v.1, n.2, pp. 07-16, jul.-dez. 2006.
- SCHALL, Virginia; STRUCHINER, Miriam. Educação em saúde: novas perspectivas. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.15, supl.2, p. 4-6, 1999.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. dos Santos. Cultura histórica e aprendizagem histórica. *Revista Nupem*. Campo Mourão, PR. v. 6, n. 10, jan.-jun., 2014.
- SOUZA, Christiane Maria Cruz de. A epidemia de gripe espanhola: um desafio à medicina baiana. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, RJ. v. 15, n. 4, p. 945-972, out.-dez., 2008.
- VALDERRAMA, Jorge Márquez. Salud/Enfermedad como Problema Histórico. In:

BIERNAT, Carolina; RAMACCIOTTI, Karina (eds.). *Historia de la Salud y la Enfermedad bajo la Lupa de las Ciencias Sociales*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2014.

NOTAS

¹ Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são documentos que orientam a prática educativa e pedagógica quanto ao cotidiano escolar, conteúdos ensinados etc., a fim de subsidiar educadores e gestores.

² A Base Nacional Comum Curricular é um documento que determina as competências (gerais e específicas), as habilidades e as aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver durante cada etapa da educação básica – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. A BNCC também determina que essas competências, habilidades e conteúdos devem ser os mesmos, independentemente de onde as crianças, os adolescentes e os jovens moram ou estudam. Disponível em: <https://sae.digital/bncc-o-que-e-qual-e-o-seu-objetivo/>. Acesso em: 11 ago. 2020.

Artigo submetido em 13 de setembro de 2020. Aprovado em 27 de janeiro de 2021.